

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Todo lo que nunca fuimos*

Autora: *Alice Kellen*

Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2019

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2020

Tradução: *Maria Fraústo*

Revisão: *Florbel Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiros/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2020

Depósito legal n.º 473 949/20

Reservados todos os direitos

para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*À Neira, à Abril e à Saray,  
obrigada por existirem... e por tudo.*

«Todas as revoluções começam e acabam nos lábios.»

RUPI KAUR, *Outras Formas de Usar a Boca*

## Nota da Autora

Em todos os meus romances há canções que acompanham muitas das cenas que ficam no papel. A música é inspiração. Neste momento, é mais do que isso. É um revestimento em certos momentos, um fio que prende um pouco as personagens. É fácil fazer a lista completa das canções que ouvi enquanto escrevia a história, mas, se vos apetecer, convidovos a ouvir algumas das mais importantes no momento exato em que marcaram o romance. No capítulo 24, *Yellow submarine*, no 48, *Let it be* e no 76, *The night we met*.

## Prólogo

«Tudo pode mudar de repente.» Ouvira esta frase muitas vezes ao longo da minha vida, mas nunca tinha parado para a mastigar, para saborear o significado que estas palavras podem deixar na boca quando as trituramos e as sentimos como nossas. Aquela sensação amarga que acompanha todos os «claro que sim...» que se alongam quando acontece alguma coisa má e a pessoa se interroga se teria sido possível evitar aquilo, porque passar de ter tudo para não ter nada pode acontecer num segundo. Basta um. Como naquela altura, quando um carro invadiu a faixa contrária. Ou como agora, quando ele decidiu que não tinha nada por que lutar e os traços negros e cinzentos acabaram por voltar a engolir a cor que meses antes flutuava à minha volta...

Porque, naquele segundo, ele virou à direita.

Quis segui-lo, mas encontrei um obstáculo.

E soube que só poderia avançar pela esquerda.

Janeiro

(VERÃO)

## Axel

Estava deitado na prancha de *surf* enquanto o mar se movimentava suavemente à minha volta. Naquele dia, a água cristalina parecia estar contida numa piscina infinita; não havia ondas, nem vento, nem sons. Conseguia ouvir a minha própria respiração calma e o chapinhar dos meus braços quando os mergulhava, até que deixei de o fazer e me limitei a ficar ali, sem me mexer, com o olhar preso ao horizonte.

Poderia dizer que estava à espera de que o tempo mudasse para apanhar uma onda boa, mas sabia perfeitamente que nesse dia não haveria nenhuma. Ou que estava a passar o tempo, coisa que fazia com frequência. Mas lembro-me de que o que realmente estava a fazer era pensar. Sim, pensar na minha vida, pensar na sensação de ter alcançado todos os objetivos e de ter concretizado um sonho atrás do outro. «Sou feliz», disse a mim mesmo. E creio que terá sido o tom que ecoou na minha cabeça, essa leve interrogação, que de repente me fez franzir a testa, sem desviar o olhar da superfície ondulante. «Sou feliz?», interroguei-me. Não gostei daquela dúvida que pareceu inquietar-se na minha cabeça, viva e exigindo a minha atenção.

Fechei os olhos antes de mergulhar no mar.

Depois, com a prancha debaixo do braço, voltei a pé para casa, caminhando descalço pela areia da praia e pelo caminho de ervas daninhas. Abri a porta com um encontrão, porque estava sempre perra devido à humidade, pousei a prancha no terraço das traseiras e entrei. Pus a toalha dobrada numa cadeira e não me vesti antes de me sentar à secretária, que ocupava um dos lados da sala e era caótica. Pelo menos para uma pessoa normal. Para mim, era a ordem na sua máxima expressão. Papéis cheios de anotações, outros com experiências descartadas e o resto com traços sem sentido. À direita tinha um espaço mais desanuviado, com canetas, lápis, tintas; em frente, um calendário com vários riscos a marcar os prazos de entrega e, ao lado, o meu computador.

Revi o trabalho acumulado e respondi a duas cartas antes de decidir continuar o projeto que tinha em mãos, um folheto turístico da Gold Coast. Era básico, com uma ilustração de uma praia e ondas de linhas curvas sob as quais surfavam algumas sombras com pouco pormenor. Exatamente o tipo de encomenda que eu preferia: simples, rápida de executar, bem paga e bem explicada. Nada de «improvisar» ou «queremos ter em conta as tuas sugestões», não, diziam-me simplesmente «desenha uma praia do caraças».

Passado um bocado, fiz uma sanduíche com os poucos ingredientes que ainda havia no frigorífico e servi o segundo café do dia, sem açúcar e frio. Estava quase a levar a chávena à boca quando me bateram à porta. Não era muito dado a receber visitas inesperadas, por isso franzi a testa quando pousei o café na bancada da cozinha.

Se naquele momento eu soubesse tudo o que aqueles toques na porta implicavam, talvez não a tivesse aberto. Mas quem é que quero enganar? Nunca lhe teria virado as costas. E teria acontecido tudo, de qualquer forma. Antes. Depois. Que importa? Tinha a sensação de que, desde o início, fora como jogar à roleta russa com todas as balas no tambor; estava destinado a que uma delas me atravessasse o coração.

Ainda estava a segurar o trinco da porta quando percebi que aquilo não era uma visita de cortesia. Afastei-me para deixar que Oliver, taciturno e sério, entrasse em casa. Segui-o até à cozinha, perguntando-lhe o que se passava. Ele ignorou o café e abriu o armário alto onde eu guardava as bebidas para tirar uma garrafa de *brandy*.

— Nada mal para começar uma segunda-feira de manhã — disse eu.

— Estou com um problema lixado.

Esperei sem dizer nada, ainda estava só com o fato de banho que vestira ao acordar. Oliver estava de calças pretas e camisa branca metida para dentro; o tipo de roupa que ele jurara que nunca vestiria.

— Não sei o que fazer, não paro de pensar em alternativas, mas já as esgotei todas e parece-me que... parece-me que vou precisar de ti.

Isto prendeu-me a atenção; sobretudo porque Oliver nunca pedia favores, nem mesmo a mim, que já era o seu melhor amigo antes de saber andar de bicicleta. Não o fez quando viveu o pior momento da sua vida e recusou quase toda a ajuda que lhe ofereci, não sei se por orgulho, porque pensava que me incomodava ou se porque queria provar a si mesmo que conseguia lidar com a situação, por mais difícil que fosse.

Talvez por isso não hesitei:

— Sabes que podes contar comigo, seja para o que for.

Oliver acabou a bebida com um só gole, deixou o copo dentro do lava-loiça e ficou ali parado, com as mãos apoiadas na bancada uma de cada lado.

— Atribuíram-me Sidney. É temporário.

— Que merda...? — Abri os olhos.

— Três semanas por mês durante um ano. Querem que vá supervisionar a nova sucursal que vão abrir e que volte quando estiver tudo estável. Gostava de poder recusar a oferta, mas, porra, duplicam-me o ordenado, Axel. E agora eu preciso. Por causa dela. Por tudo.

Passou uma mão pelos cabelos, nervoso.

— Um ano não é muito tempo... — disse eu.

— Não posso levá-la. Não posso.

— O que é que isso quer dizer?

Não valia a pena iludir-me, eu sabia muito bem as implicações que estavam por trás daquele «não posso levá-la», e fiquei com a boca seca porque sabia que não podia recusar, não podia sabendo que eles eram duas das pessoas de quem eu mais gostava no mundo. A minha família. Não a família que nos calha na rifa, dessa estava eu bem servido, mas a família que escolhemos.

— Eu sei que o que te estou a pedir é um sacrifício. — Era mesmo. — Mas é a única solução. Não posso levá-la para Sidney agora que já começou as aulas, depois de ter perdido um ano, não posso afastá-la neste momento de tudo o que conhece, vocês são tudo o que nos resta, e qualquer outra coisa implicaria muitas mudanças. Também não dá para a deixar sozinha; sofre de ansiedade e tem pesadelos, e não está... ela não está bem. Preciso que a Leah volte a «ser ela» antes de ir para a universidade no próximo ano.

Esfreguei a nuca enquanto imitava os movimentos que Oliver fizera minutos antes, abrindo o armário para tirar a garrafa de *brandy*. A bebida aqueceu-me a garganta.

— Quando é que vais? — perguntei.

— Daqui a umas duas semanas.

— Que chatice, Oliver.

## Axel

Eu acabara de fazer sete anos quando o meu pai foi despedido e nos mudámos para uma cidade boémia chamada Byron Bay. Até então, tínhamos vivido sempre em Melbourne, num terceiro andar de um bairro residencial. Quando chegámos ao nosso novo lar, tive a sensação de que era como estar permanentemente em férias. Em Byron Bay não era raro ver as pessoas descalças a andar na rua ou no supermercado; era um ambiente descontraído, quase sem horários, e creio que me apaixonei por cada um dos seus recantos antes mesmo de abrir a porta do carro e de a fechar na cara daquele rapaz trombudo que a partir dali passaria a ser meu vizinho.

Oliver estava despenteado, usava roupa larga e parecia um selvagem. Georgia, a minha mãe, costumava relatar aquele momento com alguma frequência, nas reuniões familiares, quando bebia um copo de vinho a mais, e dizia que esteve quase a pegar nele e a levá-lo para nossa casa para lhe dar um banho de espuma. Por sorte, os Jones saíram de casa no momento em que ela já estava a segurá-lo por uma manga da camisa. Soltou-o quando percebeu que tinha diante de si a origem do problema. O senhor Jones, sorridente e com uma bata suja de tinta às cores, estendeu-lhe a mão. E a senhora Jones abraçou-a, deixando-a petrificada. O meu pai, o meu irmão e eu fartámo-nos de rir ao ver a sua expressão estupefacta.

— Imagino que sejam os nossos novos vizinhos — disse a mãe de Oliver.

— Sim, acabámos de chegar — disse o meu pai apresentando-se.

A conversa prolongou-se por mais uns minutos, mas Oliver não parecia muito interessado em dar-nos as boas-vindas, e, com cara de chateado, vi-o tirar uma fisga e uma pedra e apontá-la ao meu irmão Justin. Acertou à primeira. Eu sorri, porque percebi que íamos dar-nos bem.

## Leah

«*Here comes the sun, here comes the sun*»; a melodia daquela canção ouvia-se repetidamente na minha cabeça, mas não havia qualquer vestígio desse sol nos traços negros que eu fazia no papel. Era tudo escuridão e linhas retas e rígidas. Reparei que o meu coração começava a bater mais depressa, mais sufocado, mais caótico. Taquicardia. Amarrotei uma folha, atirei-a para o chão e caí em cima da cama, levando uma mão ao peito e tentando respirar... respirar...

## Axel

Saí do carro e subi os degraus da entrada de casa dos meus pais. A pontualidade não era o meu forte e fui o último a chegar, como acontecia todos os domingos no almoço de família. A minha mãe recebeu-me penteando-me com os dedos e perguntando-me se a mancha que eu tinha no ombro já ali estava na semana anterior. O meu pai revirou os olhos quando a ouviu e deu-me um abraço antes de me deixar entrar na sala. Uma vez ali, os meus sobrinhos agarraram-se às minhas pernas, até que Justin os afastou prometendo-lhes um chocolate.

— Continuas com os subornos? — perguntei.

— É a única técnica que resulta — respondeu resignado.

Os gémeos riram-se baixinho e tive de fazer um esforço para não me juntar a eles. Eram uns diabos. Dois diabinhos encantadores que passavam o dia todo a gritar «Tio Axel, levanta-me», «Tio Axel, baixa-me», «Tio Axel, compra-me isto», «Tio Axel, vou-te dar um tiro», esse tipo de coisas. Eram a principal razão pela qual o meu irmão mais velho estava a ficar careca (embora ele nunca tenha admitido que usava produtos para evitar a queda de cabelo) e pela qual Emily, aquela rapariga com quem começou a namorar no liceu e que acabou por se tornar sua mulher, se tinha refugiado no conforto de vestir camisolas de malha e sorrir quando um dos seus rebentos lhe vomitava em cima ou decidia pintar-lhe a roupa com uma caneta de feltro.

Cumprimentei Oliver com um gesto largo e aproximei-me de Leah, que estava à frente da mesa posta, com o olhar fixo no desenho da trepadeira que decorava a borda dos pratos. Olhou para mim quando me sentei ao seu lado e lhe dei uma cotovelada amigável. Não respondeu. Não como teria respondido tempos antes, com aquele sorriso que lhe ocupava a cara toda e que conseguia iluminar uma sala. Antes que eu pudesse dizer-lhe alguma coisa, a minha mãe apareceu segurando uma

bandeja de frango recheado que pousou no centro da mesa. Já estava a olhar em volta, desolado, quando a minha mãe me estendeu uma tigela de legumes salteados. Sorri-lhe agradecido.

Comemos sem parar de falar disto e daquilo; da pastelaria familiar, da temporada de *surf*, da última doença contagiosa que a minha mãe descobrira. O único tema que não se abordou foi aquele que pairava no ar por mais que o evitássemos. Quando chegou a hora da sobremesa, o meu pai tossiu e percebi que já estava farto de fingir que não se passava nada.

— Oliver, rapaz, já pensaste bem?

Olhámos todos para ele. Todos menos a irmã.

Leah não afastou o olhar do *cheesecake*.

— Já decidi. Vai passar num instante.

Com um gesto teatral, a minha mãe levantou-se e levou o guardanapo à boca. Mas não conseguiu esconder um soluço e afastou-se para a cozinha. Abanei a cabeça quando o meu pai a quis seguir e ofereci-me para acalmar a situação. Respirei fundo e apoiei-me na bancada ao lado dela.

— Mãe, não faças isso, não é o que eles precisam agora...

— Não consigo evitar, filho. Esta situação é insuportável. Que mais é que pode acontecer? Foi um ano terrível, terrível...

Podia ter dito uma merda qualquer como «não exageres» ou «tudo se vai resolver», mas isso não aconteceu porque sabia que não era verdade, nada poderia voltar a ser como dantes. As nossas vidas não só mudaram no dia em que o casal Jones morreu naquele acidente de automóvel, como passaram a ser outras vidas, diferentes, com duas ausências que estavam sempre fortemente presentes, como uma ferida que abre e nunca chega a fechar-se.

Logo no primeiro dia em que pusemos os pés em Byron Bay, tornámo-nos numa família. Nós. Eles. Todos juntos. Apesar de todas as diferenças: os Jones acordavam todos os dias a pensar apenas «no agora» e a minha mãe passava cada minuto da sua vida preocupada com o futuro; uns eram artistas boémios habituados a viver na natureza, e os outros conheciam a vida em Melbourne; sins e nãoos que surgiam sempre perante a mesma pergunta; opiniões contrárias e debates que se prolongavam até às tantas sempre que jantávamos juntos no jardim...

Tínhamos sido inseparáveis.

E agora estava tudo estragado.

A minha mãe secou as lágrimas.

— Como é que lhe ocorreu deixar a Leah a teu cargo? Nós podíamos ter procurado alternativas, como fazer uma obra rápida na sala

e ficávamos com duas divisões, ou comprávamos um sofá-cama. Sei que não é a coisa mais confortável e que ela precisa de ter o seu espaço, mas por mais que queiras não consegues nem tratar de um animal de estimação.

Franzi a testa um pouco indignado.

— Por acaso, eu tenho um animal de estimação.

— Ah sim?! E como se chama?

— Não tem nome. Ainda.

Na verdade, não era «o meu animal de estimação», eu não era muito dado a ter seres vivos como «propriedade», mas de vez em quando uma gata tricolor, magrinha e com cara de odiar toda a gente aparecia no pátio das traseiras a pedir comida e eu dava-lhe os restos do dia. Havia semanas em que passava três ou quatro vezes, e outras em que nem se dava ao trabalho de se aproximar.

— Isto vai correr muito mal.

— Mãe, eu tenho quase trinta anos, caramba, posso cuidar dela. É o melhor. Vocês estão o dia todo na pastelaria e, quando não estão, têm de tomar conta dos gémeos. E ela não pode estar um ano a dormir na sala.

— O que é que vocês comem? — Insistiu.

— Comida, que merda.

— Vê lá como falas, filho.

Dei meia-volta e saí da cozinha. Voltei para o carro, apanhei o maço de cigarros amarrotado que tinha no porta-luvas e andei duas ruas. Sentado num passeio baixo, acendi um cigarro com o olhar fixo nos ramos das árvores que o vento agitava. Aquele não era o bairro onde tínhamos crescido, o bairro onde as nossas famílias se entrelaçaram até se tornarem numa só. As duas propriedades tinham sido postas à venda; os meus pais tinham-se mudado para uma casa pequena só com um quarto no centro de Byron Bay, ficava muito perto da pastelaria que tinham aberto havia mais de vinte anos, quando nos instalámos ali. Também já não tinham qualquer razão para continuarem a viver nos arredores depois de Justin e eu sairmos de casa, de terem perdido os vizinhos e de Oliver e Leah se terem mudado para a casa que ele arrendou quando se tornou independente, pouco depois de termos ambos voltado da universidade.

— Pensei que já não fumavas.

O sol fez-me semicerrar os olhos quando levantei a cabeça na direção de Oliver. Soprei o fumo do cigarro enquanto ele se sentava ao meu lado.

— E continuo sem fumar. Dois cigarros por dia não é fumar. Não é fumar como as outras pessoas, pelo menos.

Ele sorriu, tirou um cigarro do meu maço e acendeu-o.

— Arranjei-te uma grande chatice, não foi?

Suponho que de repente ser responsável por uma rapariga de dezanove anos que não se parecia nada com a rapariga que era antes, sim, podia considera-se «uma chatice». Mas então lembrei-me de tudo o que Oliver fizera por mim. Desde ensinar-me a andar de bicicleta até deixar que lhe partissem o nariz quando se meteu numa briga por minha causa, quando estávamos a estudar em Brisbane. Suspirei e apaguei o cigarro no chão.

— Nós cá nos arranjamos — disse eu.

— A Leah pode ir de bicicleta para o liceu, e o resto do tempo costuma passar fechada no quarto. Não a consigo tirar de lá, tu sabes... Vai ser igual. Tem umas regras para seguir, mas depois digo-te. Eu venho cá todos os meses e...

— Sossega, não parece ser muito difícil.

Não era para mim, não tinha o mesmo significado que tinha para ele. Só teria de me habituar a conviver com alguém, coisa que não me acontecia há anos, e manter tudo sob controlo. Sob o meu controlo. O resto haveríamos de ir resolvendo. Depois do acidente, Oliver fora obrigado a desistir daquele estilo de vida despreocupado em que tínhamos crescido para assumir a tutela da irmã e começar a trabalhar numa coisa de que não gostava, mas que lhe dava um bom ordenado e estabilidade.

O meu amigo respirou e olhou para mim.

— Tomarás conta dela, não é?

— Fónix, claro que sim! — assegurei-lhe.

— Ótimo, porque a Leah... ela é a única coisa que me resta.

Acenei afirmativamente, bastou um olhar para nos entendermos: para ele ficar sossegado sabendo que eu ia fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para a Leah ficar bem; e para eu tomar consciência de que provavelmente era a pessoa em quem ele mais confiava.